

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANTONIO RICARDO ARÊDO REIS

ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO DE JOÃO DO RIO A PARTIR DO ESTUDO DO
CONTO “O BEBÊ DE TARLATANA ROSA: imagem e mentalidades.

RIO DE JANEIRO
2025

ANEXO B - FOLHA DE ROSTO

ANTONIO RICARDO ARÊDO REIS

**ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO DE JOÃO DO RIO A PARTIR DO ESTUDO DO
CONTO *O BEBÊ DE TARLATANA ROSA*: IMAGEM E MENTALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Programa de Graduação da Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Português e Literaturas.

Orientador: Marcelo Diniz Martins

Rio de Janeiro
2025

ANEXO C - FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A375a Antonio Ricardo Arêdo, Reis
ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO DE JOÃO DO RIO A
PARTIR DO ESTUDO DO CONTO "O BEBÊ DE TARLATANA ROSA":
imagem e mentalidades. / Reis Antonio Ricardo
Arêdo. -- Rio de Janeiro, 2025.
35 f.

Orientadora: Marcelo Diniz Martins.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2025.

1. João do Rio. 2. O bebê de tarlatana rosa. I.
Martins, Marcelo Diniz, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

ANEXO D- FOLHA DE APROVAÇÃO
ANTONIO RICARDO ARÊDO REIS

ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO DE JOÃO DO RIO A PARTIR DO ESTUDO DO
CONTO *O BEBÊ DE TARLATANA ROSA*: IMAGEM E MENTALIDADE



Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Português e Literaturas.

ANEXO E - RESUMO

REIS, Antonio Ricardo Arêdo. Análise do estilo literário de João do Rio a partir do estudo do conto *O bebê de Tarlatana Rosa* imagem e mentalidades. Rio de Janeiro, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho de conclusão de curso pretende fazer uma análise do estilo literário do escritor João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto, que adotou pseudônimo artístico de João do Rio, a partir do estudo do conto *O bebê de Tarlatana Rosa*, e de uma investigação revendo a literatura disponível na base de dados google acadêmico. A análise destaca o estilo jornalístico e irônico de João do Rio, sua relação com Oscar Wilde e o decadentismo, além de situar o conto dentro de um contexto de repressão moral e social. É uma leitura crítica que articula literatura, história, sexualidade e estética.

Palavras-chave: João do Rio; O bebê de tarlatana rosa ; (Brasil).

ANEXO F - ABSTRACT

REIS, Antonio Ricardo Arêdo. Análise do estilo literário de João do Rio a partir do estudo do conto *O bebê de Tarlatana Rosa*: imagem e mentalidades. Rio de Janeiro, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

This final course work aims to analyze the literary style of the writer João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto, who adopted the artistic pseudonym João do Rio, based on the study of the short story “The Baby in Pink Tarlatana”, and an investigation into the review of the literature available at the google scholar database. This analysis highlights João do Rio's journalistic and ironic style, his relationship with Oscar Wilde and decadentism, and situates the story within a context of moral and social repression. It is a critical reading that articulates literature, history, sexuality and aesthetics.

Keywords: João do Rio; O bebê de tarlatana rosa; (Brazil).

ANEXO G - LOMBADA

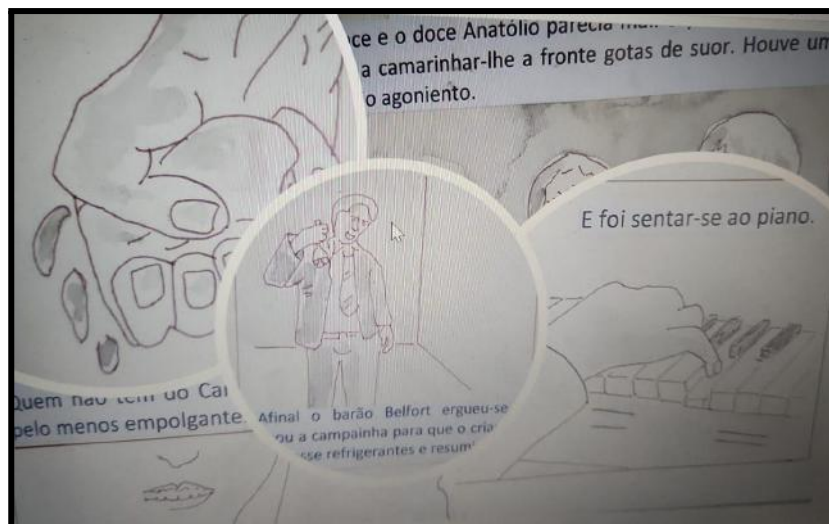
<p>NOME DO AUTOR REIS, Antonio Ricardo Arêdo</p>	<p>TÍTULO DO TRABALHO UFRJ VI ANÁLISE DO ESTILO LITERÁRIO DE JOÃO DO RIO A PARTIR DO ESTUDO DO CONTO “O BEBÊ DE TARLATANA ROSA” UFRJ - 2025</p>
--	--

I- INTRODUÇÃO

A partir do estudo do conto intitulado *O bebê de tarlatana rosa*, escrito por João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto, jornalista e dândi, que adotou o pseudônimo de João do Rio, faremos uma análise do estilo literário do autor.

A professora Carmen Secco no trabalho publicado em 1978 intitulado *Morte e prazer, em João do Rio*, ressalta na página onze a necessidade de futuras investigações sobre a obra de João do Rio, tão desconhecida dos leitores em geral. A afirmação é endossada no prefácio do livro pela professora Vilma Arêas. Desde então, outras publicações e estudos sobre a obra do autor têm sido realizadas, conforme tratado adiante na análise e revisão da literatura disponível.

O primeiro contato que tive com João do Rio e com esse conto foi na Escola de Belas Artes, em um curso de ilustração. O professor sugeriu o seguinte exercício aos alunos: a partir de contos clássicos da literatura brasileira, deveríamos criar textos não verbais, com liberdade de suprimir partes escritas, sem no entanto perder a compreensão da narrativa. Surgiu o trabalho que reproduzi parcialmente nas duas figuras abaixo.



Na ocasião não possuía intimidade com a obra literária de João do Rio nem com o autor. Como o objetivo da prática do exercício era produzir imagens físicas da história, estudos mais aprofundados sobre a biografia do escritor e conhecimento da sua obra não eram necessariamente obrigatórios. Aqui na Faculdade de Letras, tive a oportunidade de mostrar o trabalho para alguns amigos do curso de Letras Português Literaturas. Um dos

amigos questionou a leitura visual que fiz sobre a sexualidade do personagem principal, o bebê.

A criação de imagens mentais a partir da leitura verbal individual de uma narrativa ficcional é um fenômeno natural, afinal, o texto literário-ficcional possui uma estrutura dotada de vazios a serem preenchidos pelo leitor ativo.

Estes fatos despertaram a curiosidade sobre outros entendimentos a respeito do conto e biografia do autor, culminando neste trabalho de conclusão de curso.

II- BIOGRAFIA

João do Rio era filho de um professor de matemática e de uma dona de casa. O pai branco e pobre e a mãe mestiça como João. Frequentou o colégio São Bento e também o Colégio Pedro II, onde seu pai era professor e desde muito jovem gostava de escrever. Viveu apenas trinta e nove anos, nasceu em 1881 na rua do Hospício, atualmente rebatizada como rua Buenos Aires no centro da cidade do Rio de Janeiro

Apesar de ter tido uma vida curta, produziu bastante. Conta-se que desejava ser diplomata e que foi pessoalmente fazer o pedido ao Barão do Rio Branco que estava organizando a representação diplomática da jovem República brasileira. João recebe como resposta que ele não se enquadrava no perfil desejável para um diplomata brasileiro afinal de contas era gordo, mestiço e homossexual. Recebe do barão o conselho curto e grosso: “– João vá fazer outra coisa.” E foi o que ele fez, continuou a escrever. João escreve e publica na *Gazeta de Notícias* uma série de reportagens sobre as religiões cultuadas no Rio de Janeiro. Apesar do polêmico entendimento de que a liberdade de culto religioso era um direito do cidadão, as religiões de matriz africana sofriam uma certa perseguição. O fato é que a série de reportagens tornou-se um livro elogiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que ganhou rapidamente o *status de best-seller*. No ano seguinte, 1905, escreve “O momento literário” e pleiteia uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, criada em 1896, tendo como presidente Machado de Assis. Conta-se que a mãe de João do Rio teria encontrado Machado de Assis em um local público e perguntado: “–Seu Machado, o senhor conhece o João do Rio, meu filho, que anda escrevendo multicoisas?” Pergunta que o inteligente gago teria respondido: “– sim, claro, seu filho é um gênio.” No entanto, João do Rio não foi eleito para a ABL naquele ano. Ele competiu outras vezes sendo derrotado, mas sempre se posicionando criticamente, como por exemplo, em outubro de 1907 quando foi

pressionado a desistir da sua candidatura escreve ironicamente o seguinte texto na *Gazeta de Notícias*: “Eu abomino a luta, a cabala eleitoral, a campanha eleitoral contra homens que exigem respeito e admiração, se não pelos seus dotes literários, pelo menos pela sua ação na vida nacional. É desolador ter de travar lutas, contar votos, incomodar tantos amigos(...) E aqui está porque desisti da minha candidatura, saudando de coração mais uma vitória que de certo não será a última do valoroso ilustre Almirante Jaceguai.”

Apenas depois de três candidaturas, aos vinte e nove anos em 1910, após a morte de Machado de Assis sendo então Rui Barbosa o presidente da Academia Brasileira de Letras, João do Rio foi eleito para a cadeira de número 26. A cerimônia de posse para a Academia Brasileira de Letras foi um verdadeiro acontecimento. João do Rio, extravagante dandi, inaugurou o famoso fardão. Um traje nada discreto, geralmente verde escuro, adornado de vistosos dourados. E que se tornou uma tradição usada pelos acadêmicos imortais nos eventos importantes até os dias de hoje,

III- ANÁLISE DO CONTO

O conto foi escrito em 1910, publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias*, e em seguida no livro *Dentro da Noite*. Começa assim: “ – Oh! Uma história de máscaras! O Carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisto... Francamente. Toda a gente tem a sua história de carnaval deliciosa ou macabra, álgida ou cheia de luxúrias atrozes. Um carnaval sem aventura não é carnaval. Eu mesmo este ano tive uma aventura...”

Quatro personagens conversam na casa: O barão de Belford, Anatólio de Azambuja, Maria de Flor e Heitor de Alencar é quem narra a aventura extravagante de carnaval vivida no centro do Rio de Janeiro, capital da República, no início do século vinte. Heitor organizou um grupo de amigos para festejar o carnaval, quatro ou cinco cavalheiros e quatro ou cinco atrizes. No sábado de Carnaval saíram de automóvel e percorreram os bailes elitizados e também os mais ordinários. Acabaram indo ao baile público do Recreio, ao qual Heitor descreve como uma desolação, com pretas beijudas e todo pessoal azeiteiro das ruelas lóbregas. Na multidão sentiu que se roçava nele um bebê gordinho e apeteçível, imediatamente retribuiu o jogo de sedução passando a mão e pregando-lhe um beliscão. Entretanto, em consideração ao grupo que o acompanhava, não continuou o flerte. O grupo deixou o local indo terminar a noite em um bar elitizado e chique. No domingo é o bebê quem devolve o beliscão e com sua voz rouca fala que era para pagar o beliscão de ontem. Instantaneamente o personagem Anatólio de Azambuja comenta que talvez fosse um homem.

Na segunda-feira não viu o bebê. Heitor estava disposto a acanalhar-se e por isso decidiu sair sozinho na noite de terça-feira gorda. Os bailes já haviam terminado e as ruas estavam praticamente desertas, quando finalmente nas proximidades do Largo do Rossio encontra o seu bebê de voz áspera e rouca. Os dois caminham pelas ruas escuras, indo para a rua Luís de Camões, próximo ao conservatório de música, Heitor pede que retire a máscara de nariz para melhor beijá-la. Com a recusa, ele mesmo retira a máscara de nariz de cera que cobria a face da pessoa, e descobre que por trás da máscara havia dois buracos sanguinolentos cheios de algodão em uma caveira com carne. Assustado com a aproximação de um guarda, ele foge correndo em total desespero, e só percebe quando chega em casa que havia em sua mão um nariz de cera ensanguentado. Seus amigos neste momento estão horrorizados com o relato. O barão de Belfort se levanta e toca uma campainha pedindo que um empregado sirva refrigerantes a seus amigos. O conto termina assim, sem sabermos se o personagem bebê era um homem ou uma mulher.

Estudiosos da obra de João do Rio, como o jornalista João Carlos Rodrigues que escreveu uma biografia do escritor, afirma que a satisfação com que se observa a morte e a falência é uma característica do personagem barão de Belfort. O barão aparece em outros seis contos conforme ressalta o seu biógrafo: “Esse velho dandi sempre impecável que dizia coisas horrendas com uma perfeita distinção [...] Talvez seja o seu desenvolvimento natural, um descendente direto do perverso lord Wotton do Dorian Gray.” (RODRIGUES, 1996, p.135-136)

IV- REVISÃO E ANÁLISE DA LITERATURA

Com a finalidade de selecionar os títulos que comporiam esta revisão de literatura, optou-se pela utilização do banco de dados do google acadêmico, pesquisando as palavras chave *O bebê de tarlatana rosa*. Cerca de cento e cinquenta títulos foram listados inicialmente. Realizado um recorte selecionando a produção dos últimos dez anos, Aproximadamente oitenta títulos foram disponibilizados, e finalmente foram selecionados trinta e quatro títulos. Outras publicações não elencadas nesta seleção foram incluídas e finalmente definida a fundamentação teórica deste trabalho, que apoia-se em uma bibliografia ampla, diversa e interdisciplinar, visão da crítica sobre o conto *O bebê de tarlatana rosa*, e sobre a obra de João do Rio. Percebe-se a crescente revalorização do tema nos estudos acadêmicos contemporâneos. Os livros utilizados combinam em edições

comentadas de João do Rio, biografias, ensaios sobre a estética do grotesco e estudos da literatura fantástica. Uma tese consultada, *Sadomasoquismo Tropical*, defendida em 2021 na Universidade Federal de Santa Catarina, oferece uma leitura inovadora da obra do autor sob o prisma da sexualidade dissidente e das políticas do corpo. As dissertações de mestrado percorrem enfoques variados como horror urbano, estudos sobre carnavalização, adaptações do conto para outras leituras artísticas como HQ, performances, leituras intertextuais, comparações com Oscar Wilde e uso do conto como ferramenta didática. Os artigos científicos apresentam ampla gama de abordagens, do gótico tropical à performatividade travesti. Da tradução literária, a representação da sífilis na literatura carioca. Essa cartografia crítica, reunida em mais de centenas de páginas analisadas, revela que o conto transcende seu tempo como obra de resistência estética e política e que sua permanência no campo literário não se dá apenas por seu valor narrativo, mas também pela sua capacidade de mobilizar afetos, repulsas desejos e contradições sociais. Ao estruturar o corpus deste TTC na bibliografia cuidadosamente selecionada, pretende-se não apenas preencher as lacunas indicadas por estudiosos como Carmen Secco, mas também contribuir com uma leitura crítica voltada à extensões em forma e conteúdo, identidade e máscaras, imagens e mentalidades.

TABELA 1- Livros, Teses e Ensaios

Ano	Editora	Enfoque principal /Autoria
1910 e 2019	Diversas edições	<i>O bebê de Tarlatana rosa - João do Rio</i> - Coletâneas incluindo o conto. Crônicas e perfis diversos (em várias coletâneas)
1978	Francisco Alves	<i>Morte e prazer em João do Rio - Carmen Lúcia Tindó Secco (1978)</i> Uma das primeiras obras a estudar o erotismo e a morte na obra do autor, apontando a necessidade de mais pesquisas.
2009	Porto de Ideias	<i>Histórias contadas pelo Bicho Papão - Luciana Salles (2009)</i> Analisa como autores como Wilde e João do Rio tratam o medo e o desejo em textos para o público infantojuvenil.
2015	Dialogarts	<i>Vertentes do Insólito Ficcional – Ensaio I Org. Flavio García e Marisa Khalil (2015)</i> Contém o ensaio de Alexander Meireles da Silva, que analisa <i>O bebê de tarlatana rosa</i> como expressão do gótico tropical.

2015	Dialogarts	<i>República Velha, decadente e colonial: o gótico brasileiro...</i> - Alexander Meireles da Silva - Ensaio sobre sexualidade e grotesco na ficção brasileira.
2019	Darkside Books	<i>Medo Imortal – Mestres brasileiros da literatura Organização da DarkSide Books (2019)</i> Inclui o conto <i>O bebê de tarlatana rosa</i> com prefácio contextualizador e imagens.
2021	UFSC	<i>Sadomasoquismo tropical</i> (Tese Doutorado em literatura) Diego Moreira
2022	SciELO/ABRALIC	<i>Dentro da noite e o bebê...: elementos góticos e fantásticos - Mirian Rufini</i> -Análise de tradução e preservação do gótico fantástico na versão em inglês

TABELA 2 - Adaptações intersemióticas do conto “O bebê de Tarlatana Rosa”

Formato Ano	Obra/projeto	Autoria Participação	Enfoque principal
HQ quadrinhos 2002	Contos em quadros	Org. Djalma Cavalcante; roteiro de Célia Lima; ilustrações de J.Rodrigues	Adaptação do conto para HQ publicada pela Editora da UFJF, Uso pedagógico em escolas.
HQ referência 2015	Leitura de contos machadianos adaptados ao gênero HQ na formação de novos leitores	Marcos Vinícius S. da Silva (UFPA)	Dissertação que cita o conto como exemplo de adaptação eficaz da literatura para HQ.
Teatro marginal 2019	Subjetividade da cena marginal carioca	Andrea Stelzer (UFRJ)	Dramaturgia colaborativa que mescla o conto com obras de Mia Couto, Thiago Rosa e outros autores.
Pedagogia teatral	Tal como em um baile de	Thadeu Menezes Pinto	Leitura comparativa com Poe; uso didático do conto em sala

2021	máscaras	(UFMG)	de aula para reflexão sobre identidade.
Teatro universitário 2022	O bebê de tarlatana rosa (peça teatral)	Rainha Kong (UNICAMP)	Adaptação Queer performática feita por artistas dissidentes; apropriação crítica e corporal.

TABELA 3 - Dissertações de mestrado citadas na pesquisa

Ano	Universidade e Autoria	Enfoque principal
2016	UEPG- Ponta Grossa Rodrigo Gonçalves Sobrinho	Estética decadentista, narrador instável e convite à participação do leitor.
2019	UTFPR - Paraná Carla Helena Lange	Leitura social metafórica do grotesco e sífilis como sintomas de modernização.
2020	UFRJ- Rio de Janeiro Júlia Lobão	Horror urbano racismo nas ruas cariocas sob uma ótica queer.
2021	UFMG - Minas Gerais Thadeu Menezes Pinto	Diálogo com Edgar Allan Poe e uso pedagógico da máscara como metáfora do grotesco contemporâneo.

TABELA 4 - Trabalhos de Conclusão de Curso que dialogam com o conto.

Ano	Universidade e Autoria	Enfoque principal
2019	UFRJ - Graziela Dantas de Oliveira Almeida	Estudo comparativo entre contos de Jean Lorrain e João do Rio; intertextualidade e estética decadentista.
2021	UniAcademia (Juiz de Fora -MG) Luzimar Pinto de Oliveira	HQs como forma de leitura literária; análise de adaptação do conto para quadrinhos em projetos pedagógicos.

2022	UTFPR - Luan Bandeira e Silva Campos	João do Rio e Oscar Wilde como vozes queer; leitura da estética decadentista em <i>Dentro da Noite</i> .
2023	UFRJ - Inácio Loyola Pacheco	Carnaval Como espaço do grotesco e transgressão; análise simbólica a partir do enredo do conto.

Entre os bosques de João do Rio: leituras de contos de Dentro da Noite, é um estudo acadêmico assinado por Rodrigo Gonçalves Sobrinho, dissertação de mestrado defendida em 2016 na Universidade Estadual de Ponta Grossa. A dissertação propõe leituras críticas de quatro contos da obra *Dentro da Noite* de João do Rio, destacando aspectos da estética decadentista, como influências de Oscar Wilde e J. K. Huysmans, e discutindo o papel do leitor a partir de teorias de Jauss, Jouve, Eco e Iser. O conto é lido como um exemplo emblemático da estética decadentista, com presença do estranho, do erotismo e do horror urbano. O narrador é revelado como instável, e a tensão entre atração e repulsa. O autor utiliza a expressão narrador testemunha:

“A participação do narrador testemunha nesse conto é aparentemente discreta, limitando-se a enfatizar as reações de Heitor durante a história. Além disso, uma possível função desse narrador é intermediar a relação entre narratários-personagens, ou seja, os leitores da narrativa oral e o discurso do narrador protagonista, enfatizando suas impressões subjetivas e tornando mais complexa a história de carnaval.” (Rodrigues Sobrinho, 2016, p.78)

Carmen Secco, neste sentido, descreve o fenômeno narrador 1 e narrador 2 como um processo de encaixamento pelo qual uma segunda história é englobada na primeira e os personagens que escutam a narrativa se portam como espectadores. (Secco, p. 36)

Já na dissertação de mestrado intitulada *Muitos homens num só: a literatura de João do Rio no cinema brasileiro*, defendida em 2019, a autora afirma que o conto expõe excentricidade e o grotesco da sociedade do início do século XX, sugerindo que a moça fantasiada de bebê representa metaforicamente a reforma urbana da cidade e que ao tirar a máscara revela as mazelas sociais que assolavam a capital do país. (LANGE, p.16 e 75)

O artigo *subjetividade na cena marginal carioca* é assinado por Andrea Stelzer, publicado em fevereiro de 2019 na revista Z Cultural da UFRJ. Reflete sobre criações teatrais de companhias da periferia carioca. O conto *o bebê de tarlatana rosa* e outros cinco textos de autores como: Mia Couto, Thiago Rosa, Ricardo Cotrim, Thiago Florêncio de Daniel Guimarães apoiam a dramaturgia de criação coletiva que mistura obras literárias e realidades urbanas de violência e exclusão. Nesta mesma abordagem, a dissertação *Corpos*

dissidentes em cena (UNESP, 2022), Descreve uma adaptação queer performática do conto, mostrando como a montagem o reinventa a partir das vivências de artistas LGBTQIAP+, transformando o carnaval em potências de resistência :

“No processo da peça *O Bebê de Tarlatana Rosa*, primeiro trabalho da Coletiva Rainha Kong e peça de conclusão de curso des integrantes do grupo na UNICAMP, a coletiva [...] propôs partir da experiência própria de dissidência para compor sua dramaturgia cênica, encontrando no conto homônimo de João do Rio um diálogo com suas vivências enquanto ‘corpos abjetos’.” (MELLO, 2022, p. 137)

O artigo de Júlia Lobão *Dentro da noite: João do Rio, racismo e medo urbano*, publicado na Revista Topus (2020) propõe que o conto *O bebê de tarlatana rosa* revela como João do Rio, dândi ligado à elite carioca, era também afetado pelas tensões raciais.

“João do Rio, como Wilde, Baudelaire, D’Annunzio ou Huysmans se afundou frequentemente na abjeção e no sombrio em busca da estetização de uma expressão genuína de horror. Entretanto, sem se dar conta e sem aspirar a críticas sociais, o autor constrói um personagem que, inevitavelmente, é vítima de um meio.” (LOBÃO, 2020, p.63)

A ideia central do artigo *Eu adoro o horror: abjeção e testemunho no conto “O bebê de tarlatana rosa”* de João Paulo ayub. é que o conto encena, uma experiência limite de abjeção, ou seja, um confronto com aquilo que é socialmente rejeitado e repulsivo. O autor se inspira em Georges Bataille e Márcio Seligmann-Silva para propor que o conto não apenas representa o horror, mas performatiza o trauma.

“A arte da narrativa ficcional se destaca no desafio que consiste em traduzir a experiência intraduzível da abjeção, materializada no conto através da imagem de ‘uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinante — uma caveira com carne...’” (AYUB, 2016, p. 495)

O artigo de Franco Baptista Sandanello, publicado na revista *Fronteira Z*, menciona o conto *O bebê de tarlatana rosa* de forma indireta, como referência estilística decadentista. Ele escreve: "Não seria surpresa se um texto parecido constasse de uma coletânea como *Dentro da noite* (1ª ed. 1910), ao lado de contos emblemáticos como *O bebê de tarlatana rosa* e *O carro da Semana Santa*. (SANDANELLO, 2017, p. 198) Ou seja, o compara com um conto de Domício da Gama, situando o estilo de João do Rio dentro da tradição literária marcada pelo sensorial e fragmentário. Do mesmo modo, outros trabalhos selecionados nesta revisão de literatura mencionam o conto de forma indireta, como por exemplo: No TTC de Lucas Bandeira e Sabrina Campos intitulado *O retrato de Dorian Gray: identidade Queer na tradução do romance de Oscar Wilde*, publicado em 2022 pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), que analisa a tradução do romance *O retrato de Dorian Gray*

(1891), de Oscar Wilde, para o português brasileiro, especificamente a versão feita por João do Rio em 1923, sob uma perspectiva identitária e queer. Embora o conto *O bebê de tarlatana rosa* não seja objeto de análise textual na tese, ele é reconhecido como parte do universo estético e temático queer que aproxima Wilde e João do Rio. A menção ao conto serve para reforçar a ideia de que João do Rio não apenas traduziu Wilde, mas também compartilhava de sua sensibilidade artística e subversiva.

O Trabalho de Conclusão de Curso de Flávio Andrade Júnior (UFC, 2021) e a dissertação de mestrado de Luzimar Pinto de Oliveira (UniAcademia, 2018) citam a adaptação do conto em HQ publicada pela UFJF, mas sem explorar o texto literário original. Referem-se ao conto como exemplo didático de transposição intersemiótica. Na monografia *Apoteose, multidão e transmissão carnavalesca do Chuê Chuá da Mocidade Independente de Padre Miguel* (UFRJ, 2023), Pacheco menciona o conto para destacar como João do Rio já representava, no início do século XX, o carnaval carioca como um momento de anarquia sensorial e liberação dos corpos. Essas menções reforçam a presença do conto no imaginário acadêmico contemporâneo, mesmo quando não é objeto central de estudo, demonstrando sua versatilidade temática e estética.

Outros estudos científicos atuais confirmam a ideia da importância das leituras intersemióticas de clássicos da literatura, como podemos observar na dissertação de mestrado de *Leitura de contos machadianos adaptados ao gênero HQ na formação de novos leitores* (2015) de Marcos Vinícius Souza da Silva, focada nas adaptações dos contos de Machado de Assis. O autor destaca que uma coletânea *Contos em Quadros*, publicado pela editora da UFJF que inclui adaptações de: *Pai contra mãe* (Machado de Assis), *O bebê de tarlatana rosa* (João do Rio) e *Apólogo brasileiro sem véu de alegoria* (Antônio de Alcântara Machado).

O TCC de Flávio Sousa de Andrade Junior, intitulado *Histórias em quadrinhos e bibliotecas escolares: desafio na formação dos leitores*, apresentado à Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2021, incentiva a leitura intersemiótica de clássicos da literatura brasileira, como *O bebê de tarlatana rosa*, por meio de quadrinhos, valorizando o potencial das HQs para formar leitores críticos e engajados.

“Cognitivamente, a leitura de histórias em quadrinhos é bastante singular e rebuscada. Ao ler um gibi, o leitor transita intuitivamente por uma sistema informativo linear, da esquerda para a direita, da mesma forma que é realizada com livros ou sequenciais imagéticos. Para Borges (2009), os quadrinhos são um material riquíssimo para a leitura, pois há uma relação de semiose entre o verbal e o não-verbal, onde o texto e a arte precisam ser

relacionados para a construção de sentido durante o processo de leitura.” (ANDRADE JUNIOR, p.24)

Šárka Grauová pesquisadora tcheca especializada em literaturas de língua portuguesa, com destaque para a literatura brasileira, professora na Universidade Palacký de Olomouc, na República Tcheca, no artigo intitulado *Quem tem medo no conto fantástico brasileiro?* afirma que o conto fantástico do Regionalismo brasileiro é atravessado por um medo que brota do real concreto e simbólico do Brasil profundo, não do sobrenatural europeu. Em seu artigo publicado em 2017, ela analisa o conto *Pelo Caiapó Velho* de Hugo de Carvalho Ramos, traçando paralelos com *O bebê de Tarlatana Rosa*.

Na monografia *A força da atração: um estudo comparativo entre os contos de Jean Lorrain e João do Rio* (2019), Graziela Dantas de Oliveira propõe uma leitura intertextual entre os dois autores à luz da estética decadentista.

O texto intitulado *Manifestações do monstruoso: A subversão das fronteiras de gêneros literários*, foi publicado em 2020 pela Editora Dialogarts, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trata-se de uma publicação digital que reúne textos apresentados no simpósio “Manifestações do Monstruoso”, realizado durante o IV Congresso Internacional *Vertentes do Insólito Ficcional*, em 2018. Entre os destaques, está o ensaio de Alexander Meireles da Silva, que propõe uma leitura do conto *O bebê de tarlatana rosa* como exemplo de *weird fiction* brasileira, alinhando João do Rio a autores como Poe, Le Fanu e Machen.

O grotesco: um corpo estranho na literatura do medo no Brasil, de Raphael da Silva Câmara, também publicado pela Editora Dialogarts em 2014, o conto *O bebê de tarlatana rosa* é analisado como um exemplo paradigmático do uso estético do grotesco para expor contradições sociais e identitárias. A narrativa de João do Rio seria, nesse contexto, um reflexo distorcido do Brasil da Belle Époque, ou seja, uma sociedade que ostenta um verniz de progresso enquanto reprime desejos, marginaliza corpos e oculta seus medos mais profundos.

o artigo *Entre o bas-fond e o high-life: a sexualidade fronteira das personagens de João do Rio*, de Valdemar Valente Junior (UEFS, 2018), dedica uma análise profunda ao conto *O bebê de tarlatana rosa*, tratando-o como uma narrativa emblemática da sexualidade transgressora e ambígua que marca a obra de João do Rio.

Outro estudo relevante é o de Anna Carolyna Ribeiro Cardoso, publicado na revista *Caletroscópio* (UFOP, 2017), intitulado *A ambiguidade e o fantástico em O bebê de tarlatana*

rosa. A autora propõe que a ambiguidade narrativa seja o elemento central da inserção do conto na tradição do fantástico brasileiro, especialmente à luz da teoria de Tzvetan Todorov. A hesitação constante do leitor diante da identidade, do gênero e até da natureza (humana ou sobrenatural) do “bebê” seria a base do efeito fantástico produzido. A autora mobiliza ainda os conceitos de carnavalização de Mikhail Bakhtin, apontando como a atmosfera carnavalesca, com seus ritos de inversão e suspensão da ordem social, permite o surgimento do grotesco, da máscara e do riso ambíguo. O conto, assim, é lido como uma metáfora crítica da modernidade urbana, onde desejo, morte e fantasia se fundem sob o signo da ambiguidade.

Dentro da noite e O bebê de Tarlatana Rosa, de João do Rio: elementos góticos e fantásticos em tradução, artigo assinado por Mirian Ruffini, publicado na Revista Brasileira de Literatura Comparada, (2022) empreendeu uma análise de traduções dos contos *Dentro da noite* e *O bebê de tarlatana rosa* para a língua inglesa, com enfoque no exame das formas de transposição de elementos góticos e fantásticos nessas narrativas curtas ficcionais. Para tal, utilizou-se da definição de redes temáticas e lexicais, que desenvolvem teias vocabulares em torno dos temas subjacentes e aparentes de uma narrativa. Os campos semânticos do medo, do espaço gótico e dos elementos góticos e fantásticos, como os sentimentos da melancolia, da decadência e da loucura, serviram de direção para a investigação de trechos dos contos.

O artigo *Intersecções entre sexo e horror em dois contos de João do Rio*, de Sabrina Ferraz Fraccari e Pedro Brum Santos, publicado na revista Via Atlântica (USP, 2023), analisa *O bebê de tarlatana rosa* como uma narrativa que articula elementos do erotismo popular com o horror decadente, criando um jogo ambíguo entre desejo e repulsa. Os autores argumentam que João do Rio incorpora ao conto estratégias narrativas dos chamados “livros para homens”, eufemismo para literatura pornográfica popular da virada do século XIX para o XX. Isso inclui insinuações sexuais, linguagem sugestiva e situações de sedução. A análise também destaca o uso da máscara como símbolo de ocultação do desejo e da identidade, e o carnaval como espaço de liberação e colapso das normas sociais.

A dissertação de Thadeu Menezes Pinto, intitulada *Tal como em um baile de máscaras: o terror de Edgar Allan Poe e João do Rio como um recurso de incentivo à leitura literária em sala de aula*, (2021) propõe o uso dos contos *O baile da Morte Vermelha* de Edgar Allan Poe e *O bebê de tarlatana rosa* de João do Rio — como ferramentas pedagógicas para despertar o interesse dos alunos pela leitura literária. Thadeu constrói uma sequência didática que usa o terror como gatilho emocional e estético, capaz de engajar estudantes e ampliar suas competências de leitura crítica e literária. A figura da máscara, presente em ambos os contos, é um elemento simbólico central, explorado como metáfora de

ocultamento, identidade e tensão narrativa funcionando como ponto de partida para análises que misturam literatura, psicologia e cultura.

A tese de doutorado *Sadomasoquismo tropical*, de Diego Moreira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC em 2021, propõe uma leitura ousada e crítica do sadomasoquismo na literatura brasileira. Defende que o sadomasoquismo é visto não apenas como prática sexual, mas como ética estética literária capaz de subverter normas sociais. João do Rio é colocado como um precursor enquanto Glauco Mattoso representa o ápice da estética sadomasoquista na literatura. Embora separados por tempo e estilo, Mattoso e João do Rio são conectados pela tese como figuras mascaradas, que usam o texto para explorar identidades dissidentes e desejos proibidos. Afirma que o sadomasoquismo é usado como lente crítica para entender como a literatura brasileira lida com desejo, violência e poder, revelando aspectos profundos da identidade nacional e da produção literária que são frequentemente silenciados ou marginalizados. O conto *O bebê de tarlatana rosa* é destacado como exemplo dessa estética, especialmente pelo uso da máscara como símbolo de ocultação, desejo e perversão. Ele revela como a literatura brasileira pode ser um espaço de resistência estética e política, especialmente quando dá voz aos corpos dissidentes e às sexualidades marginalizadas.

O artigo de Júlio França e Daniel Augusto P. Silva, intitulado *De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira*, publicado na revista *Opiniões* (USP), edições 6-7, em 2015, apresenta uma análise crítica da representação feminina na literatura brasileira de horror. Para isso, exemplifica essa transição com obras de diversos autores: *Noite na taverna* (Álvares de Azevedo), *A ilha maldita* (Bernardo Guimarães), *Palestra a horas mortas* (Medeiros e Albuquerque), *O bebê de tarlatana rosa* (João do Rio) e *Noites brancas* (Gastão Cruls). O conto de João do Rio é citado como exemplo da virada estética em que o erotismo feminino se mistura ao grotesco e ao horror. A personagem mascarada representa o desejo e a repulsa, revelando o corpo como espaço de ambiguidade e transgressão.

O conto *O bebê de tarlatana rosa*, de João do Rio, pode ser interpretado como uma expressão exemplar do gótico brasileiro finissecular, conforme os traços identificados por A. M. da Silva no artigo *República velha, decadente e colonial: configurações do gótico brasileiro finissecular*, (2015). Ambientado no carnaval carioca, cenário marcado por excessos, luxúria e degradação urbana, o texto revela uma atmosfera de decadência social e moral, onde o grotesco e o fantástico são utilizados para evidenciar tensões profundas da sociedade da Primeira República. A figura do “bebê” disforme, símbolo da marginalização e

do abandono, funciona como alegoria do fracasso do projeto republicano de modernidade. Assim como Silva identifica no gótico brasileiro um instrumento de crítica ao racionalismo dominante, o conto de João do Rio desmonta as ilusões civilizatórias por meio do absurdo carnavalesco, expondo as contradições de uma sociedade ainda marcada pelo colonialismo, pela desigualdade e pela opressão. O mesmo estudioso, em outra publicação, afirma a presença no conto de elementos que permitem sua leitura sob o prisma da *weird fiction*, ou seja, a narrativa mergulha no grotesco e no insólito para construir um espaço de suspensão das normas sociais. A figura do “bebê”, de identidade indefinida e aparência ambígua, encarna uma monstrosidade urbana e social que se oculta sob máscaras carnavalescas — metáforas do desejo reprimido e da marginalização. Como aponta Silva (2020, p. 15), “a figura do bebê encarna a monstrosidade urbana e social que emerge sob as máscaras da festa”, evidenciando um jogo entre erotismo e horror. Ao explorar esse clima de ambiguidade e tensão, o conto se insere na tradição da *weird fiction*, aproximando-se de narrativas como as de Poe e Lovecraft, ao mesmo tempo em que adapta tais influências ao contexto tropical e decadente da Primeira República.

No artigo *“Há perigo na esquina: ficção e realidade nos espaços do medo de João do Rio”*, Pedro Sasse analisa o conto *“O bebê de tarlatana rosa”* como uma narrativa que exemplifica o medo urbano na literatura brasileira da virada do século XX. A figura do “bebê”, com seu nariz postiço ocultando sinais de doença, possivelmente sífilis, encarna a monstrosidade social disfarçada pelo ambiente carnavalesco, permitindo circular pela cidade sem causar alarme. Como destaca Sasse (2014, p. 122), “era somente no carnaval que figuras como o bebê de tarlatana rosa poderiam passar despercebidas, pois sua monstrosidade poderia ser ocultada sem despertar suspeitas”. A narrativa, assim, revela como o medo não se origina do sobrenatural, mas da ambiguidade, da degradação e da perversão que atravessam o espaço urbano — transformando cada esquina em potencial agente da inquietação.

A dissertação *Um corpo político: performance, sexualidade e abjeção pelo Teatro de Extremos*, de Luiz Fabiano de Oliveira Freitas (UERJ, 2019), não analisa diretamente o conto “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio, mas oferece um arcabouço teórico que permite uma leitura crítica do conto sob a perspectiva da performance dissidente, da abjeção e da travestilidade. Assim, o conto de João do Rio pode ser lido como uma antecipação literária das práticas performativas que Freitas analisa, onde o corpo dissidente assume papel central na crítica à sociedade normalizada da Primeira República. Um conto que explora o fantástico por meio da ambiguidade e da quebra de expectativas, aproximando João do Rio de

autores como Edgar Allan Poe, e revelando uma faceta ousada e moderna da literatura brasileira do início do século XX:

“Talvez Madame Satã já fosse uma filha bastarda do Bebê de Tarlatana Rosa, se me permito um devaneio. O ‘estranho’ personagem de João do Rio já dava claros indícios da dissidência que disfarçava, travestido em sua fantasia de carnaval para uma vivência da sua sexualidade e da extrema liberdade de seu corpo rechaçado pela sociedade.” (FREITAS, 2019, p. 31)

O conto “*O bebê de tarlatana rosa*”, de João do Rio, figura no artigo de Silva e Leite “*Crise ou Esquecimento? O não-lugar do conto fantástico na crítica literária brasileira*”, (2024) como exemplo de narrativa fantástica que rompe com os modelos realistas predominantes na crítica literária brasileira. Os autores destacam como a ambiguidade do personagem — travestido, estranho, perturbador — instaura uma atmosfera de inquietação e estranhamento que aproxima João do Rio de autores como Edgar Allan Poe. A quebra de expectativas e a construção de um insólito urbano revelam, segundo os autores, uma faceta ousada e moderna da literatura brasileira do início do século XX, ainda pouco reconhecida nos estudos literários nacionais. Nesse contexto, o conto emerge como documento estético da dissidência social e afetiva que circula sob disfarce, antecipando figuras como Madame Satã e abrindo espaço para interpretações que envolvem sexualidade, marginalidade e performatividade.

V- ANEXOS (Conto conforme publicado em 2019 e fotos das ilustrações de acervo pessoal)

O bebê de tarlatana rosa

João do Rio

Oh! Uma história de máscaras! Quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustiante imprevisto... Francamente. Toda a gente tem a sua história de carnaval, deliciosa ou macabra, álgida ou cheia de luxúrias atrozes. Um carnaval sem aventurar não é um carnaval. Eu mesmo este ano tive uma aventura...

E Heitor de Alencar estica se preguiçosamente no divã, gozando a nossa curiosidade. Havia no gabinete o barão Belfort, Anatólio de Azambuja de que as mulheres tinham tanta implicância, Maria de Flor, a extravagante boêmia, e todos ardiam por saber a aventura de Heitor. O silêncio tombou expectante. Heitor, fumando um gianaclis autêntico, parecia absorto.

– É uma aventura alegre? Indagou Maria.

– Conforme os temperamentos.

– Suja?

– Pavorosa ao menos.

– De dia?

– Não. Pela madrugada.

– Mas, homem de Deus, conta! Suplicava Anatólio. Olha que está adoecendo a Maria.

Heitor puxou um largo trago à cigarreta.

– Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio, é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

– Nem com um, atalhou Anatólio. Os sorrisos são ofertas, os olhos suplicam, as gargalhadas assim como os arrepios de urtiga pelo ar. É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu sinto tudo isso. E saindo, à noite, para a porneia da cidade, saio como na Fenícia saíam os navegadores para a procissão da primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodite.

– Muito bonito! Ciciou Maria da Flor.

– Está claro que este ano organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva vidas. No primeiro dia, no sábado, andamos de automóvel a percorrer os bailes. Íamos indistintamente beber champanhe aos clubes de jogo que anunciavam bailes e aos maxixes mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube 61 estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei de uma visita ao baile público do Recreio. “Nossa Senhora! Disse a primeira estrela de revistas, que ia conosco. Mas é horrível! Gente ordinária, marinheiros à paisana, fúfias dos pedaços mais esconsos da rua de S. Jorge, um cheiro atroz, rolos constantes...”. – Que tem isso? Não vamos juntos?

Com efeito. Íamos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanalharse, enlamear se bem. Naturalmente fomos e era uma desolação com pretas

beijudas e desdentadas esparrimando belbutinas fedorentas pelo estrado da banda militar; todo o pessoal de azeiteiros das ruelas lóbregas e essas estranhas figuras de larvas diabólicas, de incubos em frascos de álcool, que tem as perdas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e todas pálidas, pálidas feitas de pasta de mataborrão e de papel de arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos dançarinos, eu senti que se roçava em mim, gordinho e apetecível, um bebê de tarlatana rosa. Olhei-lhe as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o caído das espáduas, a curva do seio. Bem agradável. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dois olhos perversos e uma boca polpuda como se ofertando. Só posição trazia o nariz, um nariz tão bem feito, tão acertado, que foi preciso observar para verificá-lo falso. Não tive dúvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebê caiu mais e disse num suspiro – ai que dói! Estão vocês a ver que eu fiquei imediatamente disposto a fugir do grupo. Mas comigo iam cinco ou seis damas elegantes capazes de se debochar, mas de não perdoar os acessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonados, atrás de uma frequentadora dos bailes do Recreio. Voltamos para os automóveis e fomos cear no clube mais chique e mais recente da cidade.

–E o bebê?

–O bebê ficou. Mas no domingo, em plena avenida, indo eu a lado do chauffeur; no burburinho colossal, senti um beliscão na perna e uma voz rouca dizer: “para pagar o de ontem”. Olhei. Era o bebê rosa, sorrindo, com o nariz posição, aquele nariz tão bem feito. Ainda tive tempo de indagar: onde vais hoje?

–A toda parte! Respondeu, perdendo-se num grupo tumultuoso.

–Estava perseguindo te! Comentou Maria de Flor.

–Talvez fosse um homem... soprou desconfiado o amável Anatólio.

–Não interrompam o Heitor! Fez o barão, estendendo a mão.

Heitor acendeu outro gianaclis, ponta de ouro, sorriu, continuou:

Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi também. Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele, todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contato familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

– A quem o dizes!... Suspirou Maria de Flor.

– Mas eu estava sem sorte, com a guigne, com o caiporismo dos defuntos índios. Era aproximar me, era ver fugir a presa projetada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embarafustei pelo S. Pedro, meti-me nas danças, rocei-me àquela gente em geral pouco limpa, insisti aqui, ali. Nada!

– É quando se fica mais nervoso!

– *Exatamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sair toda a gente, e saí mais desesperado. Eram três horas da manhã. O movimento das ruas abrandara. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projetores elétricos e as cambiantes enfunadas dos fogos de bengala, caíam em sombras – sombras cúmplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro arriado levando máscaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas fofas de confetti. Oh! A impressão enervante dessas figuras irreais na semi sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, ali um som perdido de guizo! Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo das trevas aos pedaços... e os dominós embuçados, as dançarinas amarfanhadas, a coleção indecisa dos máscaras do último instante arrastando se extenuados! Dei para andar pelo Largo do Rocio e ia caminhando para os lados da secretaria do interior, quando vi, parado, o bebê de tarlatana rosa.*

Era ele! Senti palpitar me o coração. Parei.

“Os bons amigos sempre se encontram”, disse. O bebê sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguém? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlaceio. “Vens comigo?”. “Onde?”, indagou a sua voz áspera e rouca. “Onde quiseres!”. Peguei lhe nas mãos. Estavam úmidas, mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

–Por pouco...

– Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz arfante e lúbrica: “Aqui não!”. Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas fases do amor não se conversa. Não trocamos uma frase. Eu sentia a ritmia desordenada do meu coração e o sangue em desespero! Que mulher! Que vibração! Tínhamos voltado ao jardim. Diante da entrada que fica fronteira à rua Leopoldina, ela parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça, metemo-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo, o edifício das Belas Artes era desolador e lúgubre. Apertei a mais. Ela aconchegou se mais. Como os seus olhos brilhavam! Atravessamos a rua Luiz de Camões, ficamos bem embaixo das sombras espessas do Conservatório de Música. Era enorme o silêncio e o ambiente tinha uma cor vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebê gordinho e rosa parecia um esquecimento do vício naquela austeridade da noite. “Então vamos?”, indaguei. “Para onde?”. “Para a tua casa”. “Ah! Em casa não podes... então por aí”. “Entrar, sair, despir me. Não sou disso!”. “Que queres tu, filha? É impossível ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda”. “Que tem?”. “Não é possível que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas. Depois, às quatro tens que tirar a máscara”. “Que máscara?”. “O nariz”. “Ah! Sim!”. E sem mais dizer puxou me. Abracei a. beijei-lhe os braços, beijei-lhe o colo, beijei-lhe o pescoço. Gulosamente a sua boca se oferecia. Em torno de nós o mundo era qualquer coisa de opaco e de indeciso. Sorvi-lhe o lábio.

Mas o meu nariz sentiu o contato com o nariz postiço dela, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. “Tira o nariz!”. – Ela segredou: “Não! Não! Custa tanto a colocar!”. Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chama.

O pedaço de papelão, porém, avultava, fazia crescer, e eu sentia um malestar curioso, um estado de inibição esquisito. “Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada”. “Disfarça sim!”. “Não!”. Procurei lhe nos cabelos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebê de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus lábios aproximaram-se da minha boca.

Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão,

aproximando, enquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei o. Presa dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir; eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinadamente – uma caveira com carne...

Desapeguei-a, recuei num imenso vômito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror; de nojo. O bebê de tarlatana rosa emborcara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos. “Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouviste? Aproveito. Foste tu que quiseste...”.

Sacudi-a com fúria, pula de pé num safanão que a devia desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glote, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquele nariz, de quebrar aqueles dentes, de matar aquele atroz reverso da luxúria.... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhavanos, reparando naquela cena da semi treva. Que fazer? Levar a caveira ao posto policial? Dizer a todo mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, e o queixo batendo, ardendo em febre.

Quando parei à porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa...

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contração de horror na face e o doce Anatólio parecia mal. O próprio narrador tinha a camarinhar lhe a fronte gotas de suor. Houve um silêncio agoniento. Afinal o barão Belfort ergueu se, tocou a campainha para que o criado trouxesse refrigerantes, e resumiu:

– Uma aventura, meus amigos, uma bela aventura. Quem não tem do carnaval a sua aventura? Esta é pelo menos empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

Fonte: João do Rio, Darkside Books, 2019.

Anexo 2 - Ilustração do conto (Fonte: acervo pessoal)



O BEBÊ DE TARLATANA ROSA
JOÃO DO RIO

Desenho Antonio Arêdo

O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de algo novo e diferente... Francamente. Tudo à parte tem o seu charme de carnaval, de festa, de alegria, de festa de festa, de festa. Um carnaval sem aventura não é carnaval. Eu mesmo até sou uma aventura...

É melhor de Alencar estava-se preocupando com o dia.

O silêncio também esperanta.

Hevi no gabinete o barão Belfort, Anacleto de Azevedo e Maria de Flor, a notoriedade brasileira.

É uma aventura a festa?

Confunde os transportes.

Praticia ao menos. Para matar.

Mãe, homem de Deus, coisa! O que está acontecendo Maria?

Não há quem não seja no Carnaval disposto ao risco, disposto aos transportes de carne e a maiores extravagâncias. O desejo, quase doente. Tudo respira festa, tudo tem da festa e do espanto, e nesse quatro dias parados, de pulso, de galhos, de corações limitados, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

- Nem com um

Os sorrisos são abertas.

os olhos suplicam. os garanhões passam como arapuzes de urtiga pelo ar...

É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu mesmo todo ano. É sempre, à noite, para a ponte da cidade, não como na Fênixia salm os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandros para a noite de Afrodite.

- Muito bonito!

Este ano organizei uma partida com quatro ou cinco amigos e companheiros.

Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagão de vôitelo e de pruar da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andávamos de automóvel a percorrer os bairros.

Não há quem não seja no Carnaval disposto ao risco, disposto aos transportes de carne e a maiores extravagâncias. O desejo, quase doente. Tudo respira festa, tudo tem da festa e do espanto, e nesse quatro dias parados, de pulso, de galhos, de corações limitados, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

- Nem com um

Os sorrisos são abertas.

os olhos suplicam. os garanhões passam como arapuzes de urtiga pelo ar...

É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu mesmo todo ano. É sempre, à noite, para a ponte da cidade, não como na Fênixia salm os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandros para a noite de Afrodite.

- Muito bonito!

Este ano organizei uma partida com quatro ou cinco amigos e companheiros.

Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagão de vôitelo e de pruar da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andávamos de automóvel a percorrer os bairros.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

50 passos trala o nariz, um nariz tão bem-feito, tão acertado, que foi preciso observar para verificá-lo falar.

Não tive dúvida.

Quando ao lado era um rosto tão abreviado, com dois olhos parvos e uma boca profunda como se estivesse...

Passa a mão e pergunta um bebedor.

Estão vocês a ver que eu fiquei imediatamente disposto a fugir do grupo. Mas corrigi um cinco ou seis dias seguintes capote de de dobrar sem de não perder os excessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonando-me, atrás de uma frentedreira dos balões de tremos. Voltamos para os automóveis e fomos cor no clube mais chic e mais sacante da cidade.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

Peguei-me nos olhos, estavam umidas mas não bem tristes. Procurai dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco. Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz surrada e límbica: - "Aqui não!" Passou-me o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passo e os meus olhos molhados pareciam ficar todo o beijo desfeito que os meus olhos. Nessas horas do amor não se conversa. Não trocamos uma frase. Que murcher? Que vibração? Tínhamos voltado ao jardim.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

Mas o meu nariz sentiu o contato do nariz grosso dela, um nariz com chivo e rosto, um nariz que fazia mal.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

Abster-me, apressai o passo e ao chegar ao largo imediatamente debati a correr como um louco para a casa, os dentes batendo, ardo em febre.

Quando parei à porta para tirar a chova, é que repari que a minha mão direita apertava uma coisa pequena e saqueta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa.

Maria de Flor mostrava uma contração de horror no rosto e o doce Anacleto parecia mal. O príncipe narrador tinha a companhia de a fronte gata de suor. Usou um silêncio agoniado.

... reaproveitando bofetadas fedorentas pelo estrado de banda militar, todo o pessoal de anedotes das ruas lágras e essas estranhas figuras de ternos diabólicos, de braços em frações de álcool, que têm a perdidia de cartaz: ruas, roupas, mas com os traços como amassados e todos pilados, pilados felizes de pruar de matar-bate e de papo-avear. Não havia nada de novo.

Apenas, como o grupo parecia diante dos desfilantes, me senti que se jogava em mim, gostoso e espetado, um bebê de tarlatana rosa.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível levantar algumas questões para construir-se uma reflexão a respeito do posicionamento político do escritor, como por exemplo: O tratamento irônico da narrativa sobre um possível envolvimento homoafetivo dos personagens. Em uma rápida contabilidade sobre a forma de tratamento dado pelo narrador ao personagem bebê, verifica-se que por treze vezes é designado no masculino contra quatorze vezes no feminino; As exclamações do personagem Anatólio de Azambuja, questionando a possibilidade do personagem bebê ser do sexo masculino; O comportamento flâneur do protagonista; A referência pejorativa à palavra extravagante; E finalmente a localidade onde a aventura extravagante de carnaval se desenrola, o Largo do Rossio, atualmente renomeado como Praça Tiradentes e que no início do século vinte, era um ponto de encontro significativo para a comunidade LGBT, onde as pessoas caminhavam criando conexões de forma discreta. Não se pode esquecer que se tratava de uma época em que a sociedade brasileira e em especial a da capital do Brasil reprimia abertamente a expressão da sexualidade, assim, obrigando subterfúgios dos diferentes para satisfazer-se sexualmente sem serem percebidos.

João do Rio tinha 19 anos quando Oscar Wilde morreu aos 46, ele era um admirador da obra e o principal tradutor para a língua portuguesa. Era solteiro, sem namorada, muitos dos seus textos deixavam transparecer a inclinação homoerótica. As suspeitas começaram a se confirmar quando ele se tornou um divulgador da obra do maldito escritor Oscar Wilde. É claro que isso também alimentava o rancor dos seus desafetos, entre eles, o escritor Lima Barreto que zombava de João do Rio frequentemente utilizando termos pejorativos, insinuando que tinha um comportamento inadequado para um escritor sério. Um exemplo notável demonstrando este sentimento é a série de crônicas e artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, como o trecho escrito por Lima Barreto que se segue: “João do Rio, com sua obsessão por galicismos e sua superficialidade, parece mais interessado em agradar a elite do que em capturar a verdadeira essência do Rio de Janeiro, Suas crônicas são como máscaras de carnaval, brilhantes por fora, mas vazias por dentro.” Uma caricatura elaborada pelo artista Gil tornou-se a mais conhecida de João do Rio assim que foi publicada na revista *A Avenida* em 1903, em que ele é retratado gordo com um chapéu de coco na cabeça e um charuto enorme na boca. Novamente, Lima Barreto em seu interessante mas extremamente rancoroso romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, descreve o meio jornalístico carioca da época criando o personagem Raul Gusmão como uma alegoria de João do Rio. O romance foi inicialmente publicado em capítulos pela revista *Floreal*, no final de 1907 e posteriormente foi editado em Portugal. João do Rio por sua vez, em conversa com o editor,

e antes da publicação do livro, teria dito nunca ter ouvido falar de Isaiás Caminha ou de seu autor. A este fato, Lima Barreto em uma correspondência a Noronha Santos reclama: “Afinal, como esperar a solidariedade de João para um romance que o satirizava impiedosamente?” Uma das atividades paralelas da FLIP 2024 (Feira Literária Internacional de Paraty) foi uma interessante encenação de um encontro imaginário entre João do Rio de Lima Barreto. Em uma crítica teatral à peça “Diários Marginais” feita pelo professor Denilson Botelho, da Universidade Federal de São Paulo, ele escreve: “João do Rio obteve reconhecimento entre seus pares ainda em vida, sendo inclusive eleito para a academia brasileira de letras. Já Lima Barreto amargou o desespero dos críticos e só após a sua morte obteve amplo reconhecimento. Foram assim, de certo modo, rivais na busca pelo ingresso do Olimpo das letras, mas, curiosamente, cultivaram admirável sensibilidade em relação às camadas populares e suas lutas pela sobrevivência. Mas, não frequentavam as mesmas rodas intelectuais, não conviveram, não confrontaram suas visões de mundo em encontros presenciais. Portanto, seria tentador imaginar um encontro entre os dois escritores. Sobre o que conversariam?” O escritor João do Rio foi o grande homenageado na FLIP 2024, conforme afirma o diretor artístico da feira literária, Mauro Munhoz: “João do Rio trabalhou a vida toda em jornais e revistas. Pioneiro, como repórter, criou um estilo de texto híbrido de literatura e reportagem, ficção e realidade. João não separou o jornalismo da literatura, sua busca por transformar o ofício em grande arte é um convite a pensarmos no fazer literário em seu campo expandido.”

Apesar das críticas que tentavam ridicularizá-lo, com acusações de pederastia e de imitar os escritores franceses, João do Rio sempre se posicionou firmemente através de sua obra, dando voz às minorias, como escreve a professora Luciana Salles: “A intertextualidade não é o único traço de modernidade que se anuncia na obra de João do Rio. Como afirma Raul Antelo, o discurso da crônica em João do Rio é o discurso de uma minoria sem história que tenta contar a história. Ou seja, o discurso de um indivíduo que passa de minoria, a voz ativa pelo manejo da pena e da linguagem. Maior arma do poder; o discurso das ruas, do povo que só é maioria em quantidade e que habitualmente é sufocado como massa invisível; na elite dominante, o discurso da mulher; em cada ambiente o discurso do todo, mas principalmente o dos transgressores, o das diferenças.” Considerando a intertextualidade no conto *O bebê de tarlatana rosa*, João do Rio como um precursor da filosofia antropofágica do movimento modernista brasileiro, inspirando-se no conto do escritor americano Edgar Allan Poe intitulado *The masque of red death*. O conto de Allan Poe foi publicado inicialmente na revista *Graham's Magazine* em 1842 e narra a história do príncipe Próspero e de uma

quantidade expressiva de nobres que fazem um isolamento sanitário em um castelo para protegerem-se de uma epidemia de varíola. Para diminuir o tédio gerado por esse *lockdown*, o príncipe organiza um baile de máscaras para seus convidados. A morte vermelha travestida de um fantasma mascarado consegue entrar no baile e semelhante ao conto de João do Rio, os convidados arrancam à força a máscara do misterioso personagem. Assustados os convidados descobrem que por baixo da fantasia não havia algo de carne e osso, e que era a própria doença que contaminava, levando todos os participantes a óbito. Nos dois contos percebem-se as metáforas criadas em um ambiente de permissividade, um baile, onde a morte acompanha o prazer, sugerindo ameaças aos que aventuram-se ultrapassar os limites.

O conto *O bebê de tarlatana rosa* é um bom exemplo de como João do Rio conseguia fazer um registro geográfico do Rio de Janeiro, capital da república, no início do século vinte, do mesmo modo que registrava os hábitos e costumes das elites e dos transgressores da sociedade carioca, utilizando o bom humor para compor sua narrativa, além do emprego de ironias LGBT, e da clareza e objetividade jornalística. O conto funciona como um espelho distorcido da sociedade carioca do início do século XX, revelando tensões entre desejo, identidade, repressão e aparência. A narrativa carnavalesca, com sua atmosfera de permissividade e máscaras, é usada como metáfora para explorar temas como:

- Ambiguidade de gênero e sexualidade: o personagem “bebê” é descrito ora no masculino, ora no feminino, e sua identidade permanece indefinida. Isso reflete tanto a fluidez quanto a repressão das expressões sexuais da época.
- O grotesco e o horror: a revelação final da caveira com carne e o nariz de cera ensanguentado transforma o erotismo em repulsa, sugerindo uma crítica à hipocrisia social e ao medo do “diferente”.
- O espaço urbano como palco da transgressão: o Largo do Rossio (atual Praça Tiradentes), local da aventura, era conhecido como ponto de encontro da comunidade LGBT, o que reforça a leitura de que o conto aborda práticas dissidentes de sexualidade.
- Intertextualidade com Edgar Allan Poe: há paralelos com *A Máscara da Morte Rubra*, sugerindo que João do Rio se inspira no conto de Poe para criar uma alegoria da morte que ronda o prazer e a luxúria.

VII- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Graziela Dantas de Oliveira. A força da atração: um estudo comparativo entre os contos de Jean Lorrain e João do Rio. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/12345>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ANDRADE JUNIOR, Flávio. Sousa de. *Histórias em quadrinhos e bibliotecas escolares: desafio na formação dos leitores*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/68804/1/2021_tcc_fsajunior.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ARAÚJO, Alex Pereira de; GARCÍA, Flávio. *Heterotopias and utopias in building bodies in contemporary French cinema of horror: places of memory for an archeology of fear*. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/12878428/Heterotopias_and_utopias_in_building_bodies_in_contemporary_French_cinema_of_horror_places_of_memory_for_an_archeology_of_fear#page=91>. Acesso em: 24 jun. 2025.

AYUBA, João Paulo. “Eu adoro o horror”: abjeção e testemunho no conto “O bebê de tarlatana rosa”, de João do Rio. *Gragoatá*, Niterói, v. 21, n. 42, p. 483–507, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/346548>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BANDEIRA, Lucas; CAMPOS, Sabrina. *O retrato de Dorian Gray: identidade Queer na tradução do romance de Oscar Wilde*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2022. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/29063>. Acesso em: 17 jul. 2025.

BOTELHO, Denilson. Crítica teatral: Diários marginais – Lima Barreto e João do Rio em cena. *Oráculo Teatral*. Disponível em: <<https://oraculo.ciadeartes.com.br/diariosmarginais>>. Acesso em: 23 set. 2024.

CAMARA, R. da Silva. *O grotesco: um corpo estranho na literatura do medo no Brasil*. In: AS ARQUITETURAS DO MEDO E O INSÓLITO FICCIONAL. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <Arquiteturas Do Medo No Insólito Ficcional | PDF | Vampiros | Science>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CÂMARA, Rafael Sette. João do Rio – e do mundo todo: história e obras do cronista carioca. *360 Meridianos*. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/joao-do-rio>>. Acesso em: 23 set. 2024.

CARDOSO, Aline Cristina Rocha. A ambiguidade e o fantástico em O bebê de tarlatana rosa. *Caletroscópio*, Ouro Preto, v. 6, n. 2, p. 113–125, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/2905>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CAVALCANTE, Djalma (Org.). *Contos em quadros*. Roteiro de Célia Lima; ilustrações de J. Rodrigues. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

CECILIO, Ana Lima (Org.). *FLIP 2024 – Festa Literária Internacional de Paraty*. Disponível em: <<https://www.flip.org.br>>. Acesso em: 23 set. 2024.

FRACCARI, Sabrina Ferraz; SANTOS, Pedro Brum. Intersecções entre sexo e horror em dois contos de João do Rio. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 43, p. 273–296, 023. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/206992>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FRANÇA, Júlio; SILVA, Daniel Augusto P. *De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira*. Opiniões, São Paulo, n. 6-7, p. 51–66, maio 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2015.115072>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FREITAS, Luiz Fabiano de Oliveira. *Um corpo político: performance, sexualidade e abjeção pelo Teatro de Extremos*. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<http://www.btd.uerj.br/handle/1/7435>>. Acesso em: 19 jul. 2025

GONÇALVES SOBRINHO, Rodrigo. Entre os bosques de João do Rio: leituras de contos de *Dentro da Noite*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26457>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GRAUOVÁ, Šárka. Quem tem medo no conto fantástico do regionalismo brasileiro? *Svět literatury*, Praga, n. 55, p. 91–97, 2017. Disponível em: <<https://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-dac4f3a6-7123-42d4-9fe3-6ea6aa38c1a8>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

JÚNIOR, Valdemar Valente. Entre o bas-fond e o high-life: a sexualidade fronteiriça das personagens de João do Rio. *A Cor das Letras*, Salvador, v. 19, n. 2, p. 112–121, 2018. Disponível em: (67) O apogeu da decadência: a dor e o mal em *Dentro da noite*, de João do Rio / Decadence apex: pain and evil in *Dentro da noite*, by João do Rio. Acesso em: 22 jun. 2025.

LANGE, Carla Helena. *Muitos homens num só: a literatura de João do Rio no cinema brasileiro*. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (RIUT): Muitos homens num só: a literatura de João do Rio no cinema brasileiro. Acesso em: 22 jun. 2025.

LOBÃO, Júlia. Dentro da noite: João do Rio, racismo e medo urbano. *Revista TOPUS*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 53–67, 2020. Disponível em: <<https://revistatopus.com.br/index.php/topus/article/view/95>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MELLO, Jaoa de. *Corpos dissidentes em cena: notas sobre teatro LGBTQIAP+ engajado*. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9d16cfa5-ff90-49af-831a-42a28049321d>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MORAES, C. R.. *A crônica jornalística brasileira em João do Rio*. RUA, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/...>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MOREIRA, Diego. *Sadomasoquismo tropical*. 2021. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229786>. Acesso em: 30 jun 2025.

OLIVEIRA, Luzimar Pinto de. *A terceira margem do rio: adaptação como diálogo interartístico e intermidial*. 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UniAcademia, Juiz de Fora, 2021.

PACHECO, Inácio Loyola. *Apoteose, multidão e transmissão carnavalesca do Chuê Chuá da Mocidade Independente de Padre Miguel*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/20643>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PINTO, Thadeu Menezes, *Tal como em um baile de máscaras: o terror de Edgar Allan Poe e João do Rio como um recurso de incentivo à leitura literária em sala de aula*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/41768>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RIO, João do. O bebê de tarlatana rosa. In: *Dentro da Noite*. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978. *Obra impressa*.

RIO, João do Rio. O bebê de tarlatana rosa. In: *Medo imortal: mestres brasileiros da literatura*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019. *Obra impressa*.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. *Obra impressa*.

RUFFINI, Mirian. A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto e *O retrato de Dorian Gray*. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/123456789/3419>>. Acesso em: 23 set. 2024.

RUFFINI, Mirian. “Dentro da noite” e “O bebê de tarlatana rosa”, de João do Rio: elementos góticos e fantásticos em tradução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 47, p. 105–123, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2596304x20222447mr>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SALLES, Luciana. *Histórias contadas pelo Bicho Papão: Oscar Wilde, João do Rio e Horácio Quiroga para crianças*. São Paulo: Porto de Ideias, 2009. *Obra impressa*.

SASSE, Pedro. Há perigo na esquina: ficção e realidade nos espaços do medo de João do Rio. In: GARCÍA, Flávio; GAMA-KHALIL, Marisa Martins (Org.). *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. p. 117–129.

SANDANELLO, Franco Baptista. Revisitando o impressionismo literário: reflexões extemporâneas a partir de um conto de Domício da Gama. *FronteiraZ*, São Paulo, n. 18, p. 194–208, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6057235>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SASSE, P. *Há perigo na esquina: ficção e realidade nos espaços do medo de João do Rio*. In: AS ARQUITETURAS DO MEDO E O INSÓLITO FICCIONAL. [S.l.]: [s.n.], s.d. Disponível em: <<https://www.academia.edu/...>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Morte e prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SILVA, Alexander Meireles da. República velha, decadente e colonial: configurações do gótico brasileiro finissecular. In: GARCÍA, Flávio; GAMA-KHALIL, Marisa Martins (Org.). *Vertentes do insólito ficcional – Ensaio I*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p. 41–54.

SILVA, Alexander Meireles da. “O bebê de tarlatana rosa” como weird fiction: uma leitura. In: *A subversão das fronteiras de gênero na literatura de horror*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em: <<https://a-subversao.paginas.ufsc.br/o-bebe-de-tarlatana-rosa-como-weird-fiction>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, A. M. M.; LEITE, F. E. G. L. > *Crise ou Esquecimento? O não-lugar do conto fantástico na crítica literária brasileira*. > *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, [S.l.], v. XX, n. XX, p. XX–XX, 2024. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/17147>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, Marcos Vinícius Souza da. *Leitura de contos machadianos adaptados ao gênero HQ na formação de novos leitores*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Belém, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7999>. Acesso em: 17 jul. 2025.

STELZER, Andrea. *Subjetividade na cena marginal carioca*. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, fevereiro 2019. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/02/SUBJETIVIDADE-NA-CENA-MARGINAL-CARIOCA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.